

A URGÊNCIA DO ÉTICO: O GIRO ÉTICO-POLÍTICO NA TEORIA DA HISTÓRIA E NA HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA

Marcelo de Mello Rangel¹

Departamento de História e Programas de Pós-Graduação em História (PPGHIS) e em Filosofia (PPGFIL) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) MG

E-mail: mmellorangel@yahoo.com.br

Resumo:

Pretendemos investigar e descrever o que podemos chamar de um giro ético-político no interior da teoria da história e da história da historiografia contemporânea, ou ainda, a hipótese de que boa parte dos historiadores e teóricos comprometidos com estes campos tem se preocupado, cada vez mais, em pensar e/ou intervir no mundo contemporâneo, e isto a partir do problema da diferença/alteridade. Nesse sentido, nosso objetivo é o de tematizar e explicitar mesmo que brevemente algumas categorias elaboradas e operadas por historiadores e teóricos contemporâneos que também têm se mobilizado no interior do giro ético-político, a saber: François Hartog, Hans Ulrich Gumbrecht e Hayden White.

Palavras-chave: Giro ético-político; presentismo; presença; passados práticos

¹ Agradeço a Antônio Fernando de Araújo Sá pelo convite para participar do “Seminário Internacional Intercâmbios Historiográficos (Brasil, Argentina, México)”, em novembro de 2015, no qual apresentei a primeira versão desse texto.

RANGEL, Marcelo de Mello. A urgência do ético: o giro ético-político na teoria da história e na história da historiografia.

THE URGENCY OF THE ETHICAL: THE ETHICAL-POLITICAL TURN IN THE THEORY OF HISTORY AND IN THE HISTORY OF HISTORIOGRAPHY

Marcelo de Mello Rangel²

Federal University of Ouro Preto (UFOP) MG

Department of History and Graduate Programs in History and Philosophy

Email: mmellorangel@yahoo.com.br

Abstract:

Our intention is investigate and describe what we can call an ethical-political turn inside theory of history and history of contemporary historiography. Besides that, we reflect on the hypothesis that a significant part of historians and theorists committed to these fields are increasingly concerned with thinking and/or intervening in the contemporary world and doing this from the problem of difference/alterity. In this sense, our ambition is to thematize and explain – even if we have to do it briefly – some of the categories elaborated and operated by contemporary historians and theorists who have also mobilized themselves within the ethical-political turn, namely: François Hartog, Hans Ulrich Gumbrecht and Hayden White.

Keywords: Ethical-political turn; presentism; presence; practical past

²I am grateful to Antônio Fernando de Araújo Sá for the invitation to the “Seminário Internacional Intercâmbios Historiográficos (Brasil, Argentina, México)”, in November 2015, in which the first version of this text was presented.



O giro ético-político

Compreendemos que a teoria da história e a história da historiografia vêm se tornando espaços mais próprios à: 1 – reflexão e compreensão cuidadosas do mundo contemporâneo, e isto 2- a partir do problema da diferença/alteridade. O que está em questão aqui é que se, até as décadas de 70 e 80 do século passado, a teoria da história e a história da historiografia se dedicavam mais intensamente à: a- atividade epistemológica, entendida aqui como um exercício meta-investigativo voltado à compreensão e descrição das condições de possibilidade do conhecimento histórico, e b- à análise específica dos historiadores(as), buscando explicitar os elementos fundamentais à constituição de suas percepções e narrativas, a partir do objetivo que é o da constituição do que podemos chamar de uma “matriz disciplinar”; por outro lado, é provável que estejamos experimentando, desde o final da década de 1980 e início dos anos 90, uma ampliação e mesmo reorganização destes campos³. Ou como escreve François Hartog:

Por exemplo, no quadro da história profissional francesa, a aparição de uma história se reivindicando a partir dos anos 1980 como história do ‘tempo presente’ acompanhou este movimento. Às demandas múltiplas da história contemporânea ou muito contemporânea, a profissão foi solicitada, algumas vezes intimada a responder (HARTOG, 2006, p. 262).

Nesse sentido é fundamental delimitar e descrever, ao menos provisoriamente, por que motivo temos trabalhado com o conceito de giro ético-político, e, em seguida, as próprias condições de possibilidade históricas e epistemológicas responsáveis pela constituição deste *giro* no interior das ciências humanas em geral, e, mais especificamente, na teoria da história e na história da historiografia.

Temos pensado em um *giro* (ético-político), pois parece ser um movimento significativo, uma tendência no interior das ciências humanas, da disciplina história em geral e, por conseguinte, da teoria da história e da história da historiografia contemporâneas. Optamos pelo termo *ética*, pois se trata de um movimento em direção à tematização da diferença/alteridade, ou ainda, da necessidade de se resguardar espaços para grupos e modos de ser específicos, e, ainda, em razão da própria etimologia⁴. Ética vem do grego *éthos*, que significa morada do homem, ou seja, o espaço no interior do qual os homens em geral se mobilizam, seu mundo. De modo que a

³ Ver JENKINS, 2006; LACAPRA, 2001, p. 207-240 e 2008, p. 183-217; WHITE, 2012, p. 19-40, ARAUJO e RANGEL, 2015 e CEZAR, 2018.

⁴ Sobre a ética a partir do problema da diferença ou da alteridade ver DERRIDA, 2007, LÉVINAS, 1997 e KLEINBERG, 2007 e 2013.

RANGEL, Marcelo de Mello. A urgência do ético: o giro ético-político na teoria da história e na história da historiografia.

atividade ética é ou pode ser, ao menos de forma mais geral e de acordo com seu sentido mais originário, uma atividade teórica preocupada e dedicada a pensar o mundo no interior do qual ela (esta atividade) se torna possível⁵. Ou ainda em outras palavras, e para nos aproximarmos de uma compreensão heideggeriana, dedicar-se à ética pode significar preocupar-se e pensar questões, limites e possibilidades próprias ao espaço ou mundo no interior do qual nos encontramos, o que compreendemos estar sendo intensamente realizado por historiadores(as), filósofos(as) e teóricos(as) contemporâneos como François Hartog, Hans Ulrich Gumbrecht e Hayden White, os quais tematizaremos mesmo que brevemente mais adiante.

E, por fim, optamos pela inserção do termo *político* e de forma hifenizada porque compreendemos que ele é um tipo de comportamento ético mais específico e que vem se ampliando também no interior da disciplina história em geral e nos campos que são os da teoria da história e da história da historiografia⁶. Trata-se, em linhas gerais, de um comportamento ético - preocupado em tematizar o seu mundo -, no entanto mais específico na medida em que se orienta objetivo-explicitamente (o quanto isto é possível) por um conjunto de determinações mais sistemático. Nesse sentido, podemos citar historiadores(as), filósofos(as) e teóricos(as) contemporâneos como Achille Mbembe, Angela Davis, Christopher Hill, Edward Palmer Thompson, Dipesh Chakrabarty, Edward Said, Eric Hobsbawm, Jacques Rancière, Judith Butler, Paulo Freire, Raymond Williams etc.

As condições de possibilidade históricas e epistemológicas do giro ético-político na teoria da história e na história da historiografia

No que diz respeito às condições de possibilidade históricas para a consecução desse *giro* no interior do mundo contemporâneo, compreendo que se, por um lado, os séculos XVIII e XIX se constituíram a partir de dois conjuntos de sentidos ou palavras-chave, a saber, Estado-nação/identidade⁷ e ciência/verdade num sentido forte (construção de enunciados privilegiados e definitivos), o século XX, por outro lado, procurou se constituir com base em dois sentidos

⁵ Como escreve Heidegger: "... se pois, de acordo com o sentido fundamental da palavra *éthos*, o nome ética quiser exprimir que a ética pensa a morada do homem, então o pensamento que pensa a Verdade do Ser, como o elemento fundamental onde o homem ec-siste já é a ética originária" (HEIDEGGER, 2009, p. 88-9). Ou ainda de acordo com Olgária Matos: "Encontrada pela primeira vez em Homero, a palavra *éthos* significa morada. Não sendo arquitetura ou técnica de construção, *éthos* é *Habitat*, 'toca', mas também o fato e a maneira de habitá-la". (MATOS, 2008, p. 75)

⁶ Ver RICOEUR, 1986, p. 403-406.

⁷ Identidade aqui diz respeito à compreensão de que teríamos grupos humanos específicos ("raças"), que eles seriam qualitativamente distintos e hierarquicamente organizáveis. Esta argumentação sustentou, por exemplo, o Imperialismo (final do século XIX e início do XX).

RANGEL, Marcelo de Mello. A urgência do ético: o giro ético-político na teoria da história e na história da historiografia.

específicos, e isto a partir da negação do que compreendeu representar os séculos XVIII e XIX, são eles: diferença/alteridade e verdade “controlada”. O que está em questão é que o século XX produziu a interpretação (mais ou menos correta, isso importa menos aqui) de que 1- os séculos XVIII e XIX foram determinados pelas palavras-chave identidade e verdade num sentido forte, e que 2- estes séculos, em razão desta constituição específica, teriam provocado os eventos traumáticos que o século XX experimentou, entre eles as duas grandes guerras, os fascismos, nazismo e totalitarismos em geral, imperialismo, os processos de luta pela descolonização, guerras civis etc.; vide, nesse sentido, as interpretações disponibilizadas pela “Escola de Frankfurt”⁸. Ou ainda em outras palavras: é possível tematizar a hipótese de um giro ético-político no interior das ciências humanas em geral e, mais propriamente, nos campos que são os da teoria da história e da história da historiografia, porque o próprio *giro* – orientado pela questão da diferença - talvez tenha sido e ainda seja uma necessidade colocada pelo horizonte histórico contemporâneo, o qual tem se reconstituído, desde a primeira metade do século XX, a partir das palavras-chave diferença e verdade “controlada” (Cf. WHITE, 2012, p. 23)⁹.

Nesse sentido é fundamental uma reavaliação da própria história da disciplina e dos campos que estamos tematizando, e isto porque alguns de seus desdobramentos específicos também se constituíram como condições (epistemológicas) de possibilidade para isto que podemos chamar de um giro ético-político.

Tematizaremos, inicialmente, 1- a própria constituição da história como disciplina autônoma no interior da modernidade, nos deteremos, em seguida 2- no que podemos chamar, junto a Foucault, de “crise da representação”, e a Gumbrecht de uma crise do “observador de segunda ordem”, e isto para que, então, 3- possamos compreender parte do que significou o giro linguístico e, por conseguinte, o que seria o giro ético-político. A questão que pretendemos analisar é a de que a tematização dos limites da historiografia no que tange à constituição de enunciados privilegiados e definitivos acerca do passado ao longo do século XX e, especialmente, no interior do giro linguístico, teria sido responsável por um autoquestionamento significativo, ou em outras palavras, tivemos a generalização da seguinte indagação: por que o historiador deveria continuar investigando o passado se seus enunciados estariam muito mais relacionados ao seu mundo, história, corpo/desejo etc., do que ao seu

⁸Derrida e Judith Butler, por exemplo, denominam esse movimento próprio ao século XX - caracterizado pela tematização significativa ou mesmo necessária da questão da diferença/alteridade - como um processo de *democratização*. Algo que Jacques Rancière tem chamado de “historicidade democrática” (RANCIÈRE, 1994, p. 101).

⁹ Ver, também, LACAPRA, 2008, p. 183-217, e RANGEL, 2017a.

RANGEL, Marcelo de Mello. A urgência do ético: o giro ético-político na teoria da história e na história da historiografia.

objeto mais propriamente? Ao fim, nossa proposição é a de que a orientação ético-político responsável pelo *giro* tem figurado e mesmo se constituído como uma justificativa razoável ou suficiente em meio ao que podemos chamar de uma crise epistemológica significativa pela qual a história, a teoria e a história da historiografia passaram ao longo dos anos 60 e 70 do século passado.

É justo no interior da temporalidade moderna, a partir dela e para responder a parte de seus desafios, que nascem a disciplina história e, em nosso caso específico, os campos constituídos pela teoria da história e pela história da historiografia. O que está em questão aqui é que com a “aceleração do tempo” que constitui a temporalidade moderna, ou ainda, com a profunda instabilidade política, econômica e sociocultural experimentadas a partir da perda da imediatidade ou “hegemonia” do sentido Deus, a investigação da história aparece como um caminho a partir do qual se tornaria possível a reestabilização deste horizonte histórico, ou ainda, a restituição de um sentido específico à condição de centralidade¹⁰. A partir desta compreensão podemos entender o papel relevante que a história passou a ter no interior dos séculos XVIII e XIX, tornando possível a sua constituição como uma disciplina autônoma.

A partir da necessidade de reestabilizar o tempo histórico, de reorganizá-lo, boa parte dos iluministas (filosofias da história) e historicistas se dedicou ao estudo detido e metódico da história. Em linhas gerais, e resguardando as diferenças específicas entre filosofias da história e historicismos, seu objetivo era o de descrever e evidenciar o(s) sentido(s) fundamentais à história, os quais seriam responsáveis pela sua consecução mais propriamente ideal (ou perfectível), de maneira que os homens pudessem, assim, se dedicar a ele(s) e, por conseguinte, reorganizar o seu horizonte profundamente instável¹¹. O que ocorre é que este movimento cuidadoso dos iluministas e historicistas não teria sido capaz de provocar uma mobilização geral em prol deste ou daquele sentido. As investigações iluministas acabaram intensificando (diferentemente do que pretendiam) a “aceleração” ou instabilidade temporal, na medida mesmo em que elas foram apresentando explicações e lógicas distintas entre si, acentuando, assim, a própria disputa entre sentidos ou perspectivas que também caracterizou a modernidade.

Nesse momento, temos o que Koselleck chama de “*Sattelzeit*”, o que também podemos entender como a radicalização da “aceleração” ou da instabilidade própria à modernidade

¹⁰ Ver AGAMBEN, 2008, p. 111-128, KOSELLECK, 2006, p. 41-60, ARAUJO, 2006a e 2008, e ARAUJO e RANGEL, 2015.

¹¹ Ver CALDAS, 2007, MATA, 2008, MARTINS, 2008, SCHOLTZ, 2011.

RANGEL, Marcelo de Mello. A urgência do ético: o giro ético-político na teoria da história e na história da historiografia.

(KOSELLECK, 2006). Os iluministas são criticados pelos historicistas, pois apesar de seu objetivo ter sido considerado adequado – o de reorganizar a temporalidade a partir (de um reencantamento) da história – eles teriam sido descuidados no que diz respeito à constituição de métodos rigorosos, suficientes à “suspensão” do sujeito do conhecimento em relação às determinações próprias ao seu mundo, história, corpo/desejo etc. (GUMBRECHT, 2011). Desse modo, surge a disciplina história e junto a ela torna-se possível a constituição dos campos que chamamos de teoria da história e historiografia, com o objetivo de evidenciar sentidos históricos fundamentais próprios à reorganização do seu horizonte a partir de um cuidado metodológico significativo. No entanto, e mais uma vez, este esforço também não parece ter sido suficiente à reestabilização (ao menos pretendida) da modernidade, de modo que muito próximo aos iluminismos este movimento acabou reforçando as disputas por “hegemonia”, tendo em vista que também liberou sentidos distintos e mesmo concorrentes entre si.

Como consequência desse movimento no interior da própria disciplina, especialmente nos campos da teoria da história e da história da historiografia, temos o que Foucault chamou de “crise da representação” e o que Gumbrecht descreveu como sendo uma crise do “observador de segunda ordem”¹². Temos, assim, como um desdobramento impensado dos esforços iluministas e historicistas: ou bem o questionamento radical em relação à existência mesma de quaisquer sentidos ideais à história, ou bem a constituição de uma compreensão profundamente “cética” em relação à possibilidade de que qualquer ciência, inclusive a história, fosse capaz de compreender e evidenciar tais sentidos, disponibilizando, deste modo, a percepção epistemológica que seria retomada no interior do giro linguístico: a de que todo e qualquer enunciado científico seria determinado pelo mundo, história, corpo/desejo próprios ao sujeito enunciator.

A partir dessas considerações mais propriamente relacionadas à constituição da disciplina história entre os séculos XVIII e XIX, podemos compreender a origem de um problema que será fundamental aos campos da teoria da história e da história da historiografia ao longo do século XX, e, por conseguinte, à própria constituição disto que estamos chamando de um giro ético-político, a saber: um “ceticismo” epistemológico significativo. Trabalhamos com a hipótese de que esta posição epistemológica se intensificou a partir do final do século XIX, se generalizou com o giro linguístico, se tornando responsável, então, por uma crise no interior da

¹² No que tange à “crise da representação”, ver FOUCAULT, 1999 e 2000, ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007 e RAGO, 1993. Sobre a emergência do “observador de segunda ordem”, ARAUJO, 2006a.

RANGEL, Marcelo de Mello. A urgência do ético: o giro ético-político na teoria da história e na história da historiografia.

disciplina ao longo das décadas de 60 e 70, especialmente nos campos que são a teoria da história e a história da historiografia, e isto porque enfraqueceu a justificativa que até então era suficiente à atividade historiográfica - a de que ela seria um espaço privilegiado à constituição de enunciados verdadeiros, definitivos sobre o passado, ou em outras palavras: “os historiadores consideravam que sua disciplina estava legitimada pela sua mera existência” (RÜSEN, 2011, p.27). De modo que, como ainda acompanharemos, a justificativa ético-política teria encontrado, então, as condições de possibilidade epistemológicas ideais para se fortalecer e ocupar um espaço, hoje, fundamental no interior destes campos.

Nesse sentido, a partir da generalização desta percepção epistemológica e da necessidade de explicitação de outras justificativas suficientes à atividade que é a da história, da teoria da história e da história da historiografia, isto que estamos chamando de uma orientação ético-política talvez tenha conquistado mais espaços no interior da disciplina e tenha provocado, por conseguinte, isto que seria um giro ético-político.

François Hartog

François Hartog vem tematizando o mundo contemporâneo, compreendendo-o como um espaço constituído a partir de certa hipostasia no que tange à responsabilização e à tarefa que seria a do estabelecimento de justiça em relação a determinados grupos ou identidades que foram vítimas de acontecimentos traumáticos próprios ao século XX. O que está em questão aqui é que estaríamos experimentando, desde o final da década de 1980, certa anomia temporal, ou ainda, uma dupla-redução: do “espaço de experiência” e do “horizonte de expectativa” (KOSELLECK, 2006. p. 305-309), o que chama de “presentismo”. Teríamos uma perda significativa de certo desejo no que diz respeito à reconstrução de projetos e expectativas (futuros) e, também, um decréscimo no que tange ao interesse epistemológico-pragmático por passados em geral, e isto a partir de um investimento que seria hipertrofiado na tematização e restituição (ou justificação/justiça) de determinados acontecimentos traumáticos mais imediatos (próprios ao século XX), de modo que “... a questão do tempo se tornava uma questão forte, um problema: uma obsessão algumas vezes” (HARTOG, 2006, p. 263)¹³.

¹³ Ver CEZAR, 2010 e 2013, p. 29-46, NICOLAZZI, 2010 e ARAUJO & PEREIRA, 2019, p. 71-81.

RANGEL, Marcelo de Mello. A urgência do ético: o giro ético-político na teoria da história e na história da historiografia.

Dessa forma, o fio condutor de nossa leitura é o de que o historiador francês - a partir e intensificando o giro ético-político no interior da teoria da história e da história da historiografia - compreende que o mundo contemporâneo ao mesmo tempo em que tem se dedicado a tematizar grupos e identidades até então denegadas ou obscurecidas com o objetivo que é o da justiça - e isto muitas vezes sem um cuidado epistemológico que considera suficiente -, também tem sido orientado por uma espécie de “culpabilização” talvez excessiva, ou “remorso” para sermos fiéis ao texto, o qual estaria, a um só tempo, sendo responsável pela: 1- reconstituição de identidades que seriam, no limite, arbitrárias, violentas e até profundamente hierarquizantes, e 2- pelo próprio obscurecimento de problemas e possibilidades que estariam despontando em nosso horizonte (HARTOG, 2006, p. 266). Nesse sentido é que também aparecem os problemas da “patrimonialização” e da “museificação” ou do dever de memória “obsessivo” hoje, o qual estaria obstaculizando a possibilidade de que outros passados apareçam, de que novos futuros sejam provocados e de que o presente possa se diferenciar mais propriamente desse passado mais imediato, “enquanto parecemos marcar passo no presente e ruminar um passado que não passa” (HARTOG, 2006, p. 273)¹⁴.

Hans Ulrich Gumbrecht

No que diz respeito a Hans Ulrich Gumbrecht, por exemplo, nossa hipótese de leitura é a de que as suas reflexões acerca da modernidade e do mundo contemporâneo também apontam para uma espécie de dupla-redução temporal, a redução do “espaço de experiência” e de “horizonte de expectativa”. Para Gumbrecht, esta dupla-redução dificultaria o movimento próprio à realização (felicidade) dos homens em geral, e isto porque ela (a realização, a felicidade) estaria intimamente relacionada à provocação/criação de outras relações possíveis com base, por sua vez, em certa confiança em passados e/ou futuros¹⁵. Desse modo, tendo em vista que o mundo contemporâneo dificultaria a produção de uma confiança significativa em relação a passados e futuros específicos e, por conseguinte, a própria possibilidade de realização ou “felicidade”

¹⁴ Berber Bevernage e Mateus Pereira, por exemplo, argumentam que a natureza desse passado é a da “irrevocabilidade”, ou seja, trata-se de um passado que não passa, que sempre se imporia a todo e qualquer presente que se constituísse desde então, e isto em razão do seu caráter mais propriamente traumático. De maneira que todo e qualquer movimento de justiça em relação a passados traumáticos são tão necessários quanto também contém o risco de provocar uma espécie de comportamento “obsessivo” em relação à sua restituição. BERBER, 2012, e PEREIRA, 2015.

¹⁵ Sobre essa questão antropológica, ver os problemas do “mundo da vida” e do “fascínio”, GUMBRECHT, 2011, e o problema do “prazer”, AGAMBEN, 2008, p. 127-128.

No que diz respeito à questão da felicidade ver RANGEL, 2018a e 2019a.

RANGEL, Marcelo de Mello. A urgência do ético: o giro ético-político na teoria da história e na história da historiografia.

mais propriamente efetivas, estaríamos observando a constituição de uma espécie de “cultura do egoísmo” (e do hedonismo), a partir da qual boa parte dos comportamentos científicos e práticos estariam sendo determinados. O que Gumbrecht tem explicitado é que: 1- se, por um lado, os homens são determinados pelo “fascínio”, o que significa dizer que são antropológicamente caracterizados pela necessidade de querer ou buscar mais experiências ou ainda constituir novas relações, e se 2- por outro lado, o horizonte histórico contemporâneo teria se tornado um espaço que dificultaria o que seria o caminho ideal a uma realização efetiva – a própria confiança em passados e/ou futuros -, o que teríamos, então, seria: 3- um mundo profundamente árido e desagradável para os homens em geral, no interior do qual o “egoísmo” (e o hedonismo) seria decisivo. Nesse sentido, podemos compreender a sua noção de “presente amplo” (*broad present*), a qual acreditamos apontar para uma espécie de investimento obsessivo em um conjunto limitado de experiências já disponíveis, especialmente a partir da constituição de espaços virtuais, o que teria provocado, por conseguinte, uma espécie de “suspensão” e mesmo de negação do tempo compreendido como possibilidade de transformação ou reorganização de passados no presente em nome de outros futuros.

No interior desse mundo “egoísta” (e hedonista), no qual os homens estariam se dedicando insistentemente à busca do seu próprio prazer, a estratégia antropológica e definidora da modernidade, a da “produção de sentido”, fundamental, ao seu modo de ver, à constituição da disciplina história, por exemplo, precisaria ceder algum espaço a uma outra estratégia também antropológica que é a da “produção de presença”. Ainda em outras palavras, segundo Gumbrecht, seria muito difícil para as humanidades em geral e para a história mais especificamente produzir um interesse expressivo e, por conseguinte, transformações efetivas num mundo determinado pelo sentimento de “egoísmo” (e pelo hedonismo) a partir, unicamente, da “produção de sentido”, ou seja, da construção de discursos profundamente conceituais, lógico-formalmente constituídos, estruturados a partir da lógica da causalidade e de imperativos aristotélicos como os da identidade e da não-contradição, e isto reservando um papel secundário ao corpo, à experiência, à sensibilidade. A partir da tradição Romântica alemã, por exemplo, Gumbrecht compreende que a estratégia ou o espaço mais próprio à negação do modo de comportamento “egoísta” (e hedonista) é o da estética, da sensibilização e impressão ou, na sua linguagem, da “produção de presença”, o que também pode significar no que diz respeito à história: abrir a possibilidade para a experimentação de realidades ou historicidades até então denegadas, pouco conhecidas, a partir de um gesto mais empírico (material) e

RANGEL, Marcelo de Mello. A urgência do ético: o giro ético-político na teoria da história e na história da historiografia.

descritivo do que explicativo, de modo a constituir as condições de possibilidade ideais para novas experiências e emoções, e, a partir delas, para a reelaboração conceitual¹⁶.

Esse caminho proposto por Gumbrecht está fundado na compreensão de que toda e qualquer transformação intelectual-existencial, nesse caso a partir e para além do “egoísmo” (e do hedonismo), precisa nascer do enriquecimento e da ampliação do que chamo de experiência (da sensibilidade). E mais, e aqui próximo a Heidegger, ele compreende que esta estratégia também historiográfica – a da “produção de presença” a partir da reconstituição material e de climas históricos ou espaços sentimentais específicos e até então denegados (*Stimmungen*) – seria fundamental à própria possibilidade de expansão da experiência, e isto para que também seja possível constituir novos sentidos mais adequados (*Gegenständlichkeit*) a/e outros “mundos” possíveis (GUMBRECHT, 2011, p. 42)¹⁷.

Hayden White

No que diz respeito a Hayden White, compreendemos que se temos, por um lado, uma crítica contundente à epistemologia historicista em razão do que entende ser seu desinteresse pelo presente e, especialmente, sua percepção de que seria possível constituir enunciados privilegiados ou definitivos acerca do passado, para além das determinações que são próprias ao mundo, história, corpo/desejo do sujeito do conhecimento, por outro lado, e de forma quase paradoxal, o próprio Hayden White se esforça no sentido de constituir um espaço epistemológico ético-politicamente orientado no interior do qual seria tão possível quanto necessário elaborar enunciados verdadeiros, adequados e definitivos. Nesse sentido, a preocupação fundamental de Hayden White seria a de tematizar um acontecimento próprio ao mundo contemporâneo, o nazismo e a *Shoa*, a partir de um conjunto de procedimentos específicos e da compreensão de que eles seriam acontecimentos-limite capazes de comunicar a sua natureza, a saber, a de ser o mal (WHITE, 1992). Assim, a historiografia seria um campo com base no qual a verdade (adequada e definitiva) poderia e precisaria ser explicitada, e isto em razão de uma responsabilidade no que diz respeito às vítimas do nazismo e à humanidade em geral.

¹⁶ Nesse sentido, acompanhar a discussão de Valdeci Lopes Araujo acerca do que chama de “analítica da historicidade”. ARAUJO, 2013.

¹⁷ Ver ARAUJO, 2006a, 2006b e 2013, e, também, RANCIÈRE, 2009, especialmente o capítulo 1.



RANGEL, Marcelo de Mello. A urgência do ético: o giro ético-político na teoria da história e na história da historiografia.

Mais recentemente, Hayden White desenvolveu uma reflexão acerca do que chamou de “passados práticos” (“*practical pasts*”), uma noção que também se constitui a partir de um interesse ou posicionamento epistemológico ético-politicamente orientado. Hayden White parte da hipótese de que a historiografia teria perdido seu poder de orientação/intervenção no interior do mundo contemporâneo, de modo que se, por um lado, continuaríamos sendo profundamente orientados por enunciados e discursos constituídos com base em passados a partir de espaços da “cultura histórica” como a literatura, por outro lado, a historiografia, especialmente devido à forma como se constituiu – com base na necessidade de se suspender em relação ao seu tempo e produzir enunciados capazes de descrever todo e qualquer passado em cada uma de suas determinações – teria perdido o contato com o mundo que é o seu, nesse caso com o mundo contemporâneo, se afastando, assim, de suas demandas específicas, e, por conseguinte, tornando-se desinteressante para o público em geral, perdendo boa parte de seu poder de participação (WHITE, 2012, p. 19-39)¹⁸. Nesse sentido, Hayden White também se dedicou ao que poderíamos chamar de uma reorganização deste espaço próprio à “cultura histórica” que é a historiografia, questionando-a sobre a possibilidade de certa reorganização com base, por exemplo, em estratégias formais caras ao “modernismo literário”. (WHITE, 2006, p. 205).

Referências bibliográficas

ABREU, Marcelo; RANGEL, Marcelo de Mello. Memória, cultura histórica e ensino de história. **História e Cultura**, n. 2, vol. 4, pp. 7-24, 2015.

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história**. Destrução da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **História**: a arte de inventar o passado. Ensaio de teoria da história. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

_____. Tema, Meta, Metáfora: porque a historiografia teme e treme diante da literatura. **Linguagem**. Estudos e Pesquisas (UFG), v. 17, p. 17-41, 2013.

ANKERSMIT, Frank; DOMANSKA, Ewa; KELLNER, Hans. **Re-figuring Hayden White**. Cultural memory in the present. Califórnia: Stanford University Press, 2009.

¹⁸ Ver AVILA, 2018.



RANGEL, Marcelo de Mello. A urgência do ético: o giro ético-político na teoria da história e na história da historiografia.

ARAUJO, Valdei Lopes de; RANGEL, Marcelo de Mello. Apresentação – Teoria e história da historiografia: do giro linguístico ao giro ético-político. **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 17, p. 318-332, 2015.

ARAUJO, Valdei Lopes de. História da historiografia como analítica da historicidade. **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 12, p. 34-44, 2013.

_____. Para além da autoconsciência moderna. A historiografia de Hans Ulrich Gumbrecht. **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 22, n. 36, p. 314-328, 2006a.

_____. Sobre o lugar da história da historiografia como disciplina autônoma. **Locus**, Juiz de Fora, V. 12, p. 79-94, 2006b.

ARAUJO, Valdei Lopes de; PEREIRA, Mateus H.F. **Atualismo 1.0** - Como a ideia de atualização mudou o século XXI. Ouro Preto: SBTHH, 2019.

ARAUJO, Valdei Lopes de; PEREIRA, Mateus H.F. Reconfigurações do tempo histórico: presentismo, atualismo e solidão na modernidade digital. **Revista da UFMG**, Belo Horizonte, v. 23, n. 1 e 2, pp. 270-297, 2016.

ASSIS, Arthur Alfaix. Bolingbroke, a política, e os usos da história. **História da Historiografia**, v. 11, p. 304-318, 2018.

AVELAR, Alexandre de Sá; GONÇALVES, Márcia de Almeida. Giro linguístico e escrita da história nos séculos XX e XXI, In.: RANGEL, Marcelo de Mello et al (Org.). **Teoria e Historiografia: Debates contemporâneos**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015, pp. 57-78.

AVILA, Arthur Lima de. Indisciplinando a historiografia: do passado histórico ao passado prático, da crise à crítica. **Revista Maracanan**, n. 18, p. 35-49, 2018.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In.: BENJAMIN, Walter. **Documentos de Cultura, Documentos de Barbárie**. São Paulo: Cultrix: Editora da USP, 1986.

_____. Über den Begriff der Geschichte. **Walter Benjamin Gesammelte Schriften**, t.1 (2), p. 691-704. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1991.

BEVERNAGE, Berber. **History, memory, and state-sponsored violence**. Time and justice. New York: Routledge, 2012.

BEVERNAGE, Berber; LORENZ, Chris. **Breaking Up Time: Negotiating the Borders Between Present, Past and Future**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2013.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra**. Quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

_____. **Relatar a si mesmo**. Crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2015b.

RANGEL, Marcelo de Mello. A urgência do ético: o giro ético-político na teoria da história e na história da historiografia.

CALDAS, Pedro Spinola Pereira. As dimensões do historicismo: um estudo dos casos alemães. **OP SIS**, vol. 7, n. 9, p. 47-66, jul/dez, 2007.

_____. Para além do giro-linguístico: uma abordagem existencialista da obra de Hayden White. **História da Historiografia**, n. 11, p. 272-278, 2013.

CARVALHO, Augusto de. A estrutura ontológica do tempo presente. **Tempo e Argumento**, v. 10, p. 43-63, 2018.

CATROGA, Fernando. **Os passos do homem como restolho do tempo**. Memória e fim do fim da história. Coimbra, Edições Almedina, 2011.

CEZAR, Temístocles. Entre antigos e modernos: a escrita da história em Chateaubriand. Ensaio sobre historiografia e relatos de viagem. **Almanack Braziliense**, São Paulo, n. 11, p. 26-33, maio, 2010.

_____. Escrita da história e tempo presente na historiografia brasileira. In.: DUTRA, Eliana de Freitas (Org.). **O Brasil em dois tempos**. História, pensamento social e tempo presente. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

_____. Hamlet brasileiro: ensaio sobre giro linguístico e indeterminação historiográfica (1970-1980). **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 17, p. 440-461, abril, 2015.

_____. O que fabrica o historiador quando faz história, hoje? Ensaio sobre a crença na história (Brasil séculos XIX-XXI). **Rev. Antropol.** (São Paulo, Online), v. 61, n. 2, pp. 78-95, USP, 2018.

CHARBEL, Felipe. AZEVEDO, Danrlei. Escrita da história e representação: sobre o papel da imaginação do sujeito na operação historiográfica. **Topoi** (Rio de Janeiro), v. 9, p. 68-90, 2008.

_____. Uma filosofia inquietante da história: sobre Austerlitz, de W. G. Sebald. **História da Historiografia**, v. 19, pp. 124-141, 2016.

DERRIDA, Jacques. **Espectros de Marx**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

_____. **Força de Lei**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Perdonar lo imperdonable y lo imprescriptible**. Santiago: LOM Ediciones, 2017.

DOMANSKA, Ewa. “El viraje performativo en la humanística actual”, in **Criterios**, La Habana, nº 37, pp. 125-142, 2011.

Ferraz Felipe, E. Renovar votos com o futuro: nostalgia e escrita da história. **História da Historiografia**, p. 117-134, 2018.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. São Paulo: Forense Universitária, 2000.



RANGEL, Marcelo de Mello. A urgência do ético: o giro ético-político na teoria da história e na história da historiografia.

_____. **As palavras e as coisas.** Uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GUIMARÃES, Géssica. Sattelzeit: modernidade e história. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 1, p. 1-8, 2009.

GUIMARÃES, Géssica; NICODEMO, Thiago Lima; SOUSA, Francisco de. Uma lágrima sobre a cicatriz: O desmonte da Universidade pública como desafio à reflexão histórica (#UERJResiste). **Revista Maracanan**, v. 17, p. 71-87, 2017.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. A invenção do passado. **Nossa História** (São Paulo), v. 3, p. 24-26, 2005.

_____. Repensando os domínios de Clio: as angústias e ansiedades de uma disciplina. **Revista Catarinense de História**, Florianópolis, v. 5, p. 5-20, 1998.

_____. Usos da História: refletindo sobre identidade e sentido. **História Em Revista**, Pelotas, v. 6, p. 21-36, 2000.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **After 1945: Latency as origin of the present.** Califórnia: Stanford University Press, 2013.

_____. **Atmosphere, mood, stimmung.** On a hidden potential of literature. Califórnia: Stanford University Press, 2012.

_____. Depois de 'Depois de aprender com a história', o que fazer com o passado agora? In.: NICOLAZZI, Fernando; MOLLO, Helena Miranda; ARAUJO, Valdeci Lopes de (orgs). **Aprender com a história?** O passado e o futuro de uma questão. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

_____. **Graciosidade e estagnação.** Ensaios escolhidos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2012.

_____. **In 1926: Living at the Edge of Time.** Cambridge: Harvard University Press, 1997.

_____. **Our broad present.** Time and contemporary culture. New York: Columbia University Press, 2014.

_____. **Production of Presence: What Meaning Cannot Convey.** Stanford: Stanford University Press, 2004

HARTOG, François. **Croire en l'histoire.** Paris: Flammarion, 2013.

_____. O regime moderno de historicidade posto à prova pelas duas Guerras Mundiais. In.: DUTRA, Eliana de Freitas (Org.). **O Brasil em dois tempos.** História, pensamento social e tempo presente. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

_____. **Régimes d'historicité, présentisme et expérience du temps.** Paris: Seuil, 2003.

RANGEL, Marcelo de Mello. A urgência do ético: o giro ético-político na teoria da história e na história da historiografia.

_____. Temps du monde, histoire, écriture de l'histoire. **L'Inactuel**, 12: 93-102, 2004.

_____. Tempo e Patrimônio. **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 22, n° 36, p. 261-273, jul/dez, 2006.

HEIDEGGER, Martin. **Carta Sobre o Humanismo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2009.

_____. **Ser e tempo**. Petrópolis, Vozes, 2006.

JASMIN, Marcelo Gantus. Tempo e História. In: Adauto Novaes. (Org.). **Mutações**: Entre dois mundos. São Paulo: SESC, 2017.

_____. Silêncios da História: experiência, acontecimento, narração. In: Adauto Novaes. (Org.). **Mutações**: o silêncio e a prosa do mundo. São Paulo: SESC, 2014.

JENKINS, Keith. **¿Por qué la historia?** Ética y posmodernidad. México: FCE, 2006.

KLEINBERG, Ethan. Haunting History: Deconstruction and the Spirit of Revision. **History and Theory**, n. 46, p. 113-143, 2007.

_____. **Presence**. Philosophy, History, and Cultural Theory for the Twenty- First Century Ithaca, New York: Cornell University, 2013.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

_____. **Sentido e repetición en la historia**. Buenos Aires, Hydra, 2013.

LACAPRA, Dominick. Conclusión: psicoanálisis, memoria y el giro ético, In.: **Historia y memória después de Auschwitz**. Buenos Aires: Prometeo, pp. 207-240. 2001.

_____. **Representar el holocausto**. Historia, teoria, trauma. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2008.

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós**. Ensaio sobre a alteridade. Petrópolis; RJ: Vozes, 1997.

LORENZ, Chris. It takes three to tango. History between the 'historical' and the 'practical' past". **Storia della Storiografia**, vol. 65, n. 1, pp. 29-46, 2014.

_____. Can a criminal event in the past disappear in a garbage bin in the present? Dutch colonial memory and human rights: the case of Rawagede. In.: TAMM, M. (Org.). **Afterlife of events: perspectives of mnemohistory**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, pp. 219-241. 2014.

MATA, Sérgio Ricardo da. Para além do neokantismo: o conceito de ciências ético-históricas em Ernst Troeltsch. **Revista de Teoria da História**, v. 16, p. 90-100, 2016.

_____. Visões da posthistoire em Arnold Gehlen e Ernst Jünger. **Pandaemonium Germanicum** (IMPRESSO), v. 22, p. 158-181, 2019.



RANGEL, Marcelo de Mello. A urgência do ético: o giro ético-político na teoria da história e na história da historiografia.

MARTINS, Estevão C. de Rezende. Crítica e crise na história contemporânea. **Estudos do Século XX**, v. 10, p. 85-100, 2010.

_____. Democracy and the Threat of Populism. **Estudos do Século XX**, v. 17, p. 91-111, 2017.

_____. Historicismo: o útil e o desagradável. In.: VARELLA, Flávia Florentino; MOLLO, Helena Miranda; MATA, Sérgio Ricardo da; ARAUJO, Valdeci Lopes de. (Orgs). **A dinâmica do historicismo**. Revisitando a historiografia moderna. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.

MATOS, Olgária C.F. *Ethos* e amizade: A morada do homem. **Ide**. Psicanálise e Cultura, São Paulo, 31 (46), p. 75-79, 2008.

MENDES, Breno; BARBOSA, Pedro Henrique. Quentin Skinner e Paul Ricoeur: do giro linguístico ao Giro ético-político na História Intelectual. **Revista de Teoria da História**, v. 16, p. 177-196, 2017.

MUNSLOW, Alun. **The Future of History**. Londres, Palgrave Macmillan, 2010.

NICODEMO, Thiago Lima; CARDOSO, Oldimar Pontes. Metahistory for (Ro)bots: Historical Knowledge in the Artificial Intelligence Era. **História da Historiografia**, v. 12, p. 20, 2019.

NICOLAZZI, Fernando. A história entre tempos: François Hartog e a conjuntura historiográfica contemporânea. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 53, p. 229-257, jul/dez, 2010.

_____. BAUER, C. S. O historiador e o falsário: Usos públicos do passado e alguns marcos da cultura histórica contemporânea. **Varia História** (UFMG. Impresso), v. 32, p. 807-835, 2016.

NICOLAZZI, Fernando. Muito além das virtudes epistêmicas: o historiador público em um mundo não linear. **Revista Maracanan**, n. 18, p. 18-34, 2018.

OHARA, João Rodolfo Munhoz. The Disciplined Historian: ‘Epistemic Virtue’, ‘Scholarly Persona’, and practices of subjectivation. A proposal for the study of Brazilian professional historiography, In.: **Práticas da História**, vol. 1, nº 2, 2016, pp. 39-56.

OLIVEIRA, Maria da Glória. Fazer história, escrever história: sobre as figurações do historiador no Brasil oitocentista, In.: **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol. 30, nº 59, 2010, pp. 37-52.

OLIVEIRA, Rodrigo Perez. O engajamento político e historiográfico no ofício dos historiadores brasileiros: uma reflexão sobre a fundação da historiografia brasileira contemporânea (1975-1979). **História da Historiografia**, v. 01, p. 127-222, 2018.

PALTI, Elías José. **Giro linguístico e história intelectual**. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1998.



RANGEL, Marcelo de Mello. A urgência do ético: o giro ético-político na teoria da história e na história da historiografia.

PAUL, Herman. **Hayden White**. The historical imagination. Cambridge: Polity Press, 2011.

_____. Historicismo fraco: sobre hierarquias de virtudes e de metas intelectuais, In.: **História da Historiografia**, Ouro Preto, nº 21, pp. 25-42, 2016.

_____. What is a scholarly persona? Ten theses on virtues, skills, and desires, In.: **History & Theory**, 53, pp. 348-371, 2014.

PEREIRA, Luisa Rauter. O debate entre Hans-Georg Gadamer e Reinhart Koselleck a respeito do conhecimento histórico: entre tradição e objetividade. **História da Historiografia**, v. 1, p. 245-265, 2011.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. Nova direita? Guerras de memória em tempos de comissão da verdade (2012-2014). **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 31, n. 57, p. 863-902, set/dez, 2015.

RAGO, Margareth. O efeito-Foucault na historiografia brasileira. **Tempo Social**, São Paulo, 7 (1-2), p. 67-82, outubro, 1995.

RANCIÈRE, Jacques. **Figuras da história**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

_____. **O ódio à democracia**. São Paulo: Boitempo, 2014.

_____. **Os nomes da história**. Um ensaio de poética do saber. São Paulo: Educ: Pontes, 1994.

_____. **A partilha do sensível**. Estética e política. São Paulo: Editorea 34, 2009.

RANGEL, Marcelo de Mello. **Da ternura com o passado**: História e pensamento histórico na filosofia contemporânea. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019a.

_____. Entrevista Professor Doutor Marcelo de Mello Rangel. **Revista Ensaios Filosóficos**, vol. XVI, pp. 119-139, Dezembro/2017a.

_____. História e Stimmung a partir de Walter Benjamin: Sobre algumas possibilidades ético-políticas da historiografia. **Cadernos Walter Benjamin**, n. 17, pp. 165-178, 2016.

_____. Justiça e História em Derrida e Benjamin. **Sapere Aude**, Belo Horizonte, n. 4, vol. 7, pp. 347-359, 2013.

_____. Melancolia e história em Walter Benjamin. **Revista Ensaios Filosóficos**, n. XIV, p. 1-12, 2016.

_____. **Modernidade e história a partir de Walter Benjamin e Derrida**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019b. (No prelo)

_____. Nietzsche e o pensamento histórico: justiça, amor e felicidade. **Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência**, Rio de Janeiro, n. 10, vol. 2, pp. 69-85, 2017b.



RANGEL, Marcelo de Mello. A urgência do ético: o giro ético-político na teoria da história e na história da historiografia.

_____. Rehistoricization of history, melancholy and hatred. **Cadernos Walter Benjamin**, n. 22, pp. 1-18, 2019c.

_____. Temporalidade e felicidade hoje. Uma relação possível entre o pensamento histórico, a democracia e a experiência da felicidade/Can One Be Happy Today? **Revista Artefilosofia**, v. 25, p. 52-66, 2018a.

RANGEL, Marcelo de Mello et al. **Teoria e Historiografia**. Debates Contemporâneos. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

RANGEL, Marcelo de Mello; RODRIGUES, Thamara de Oliveira. Temporalidade e crise: sobre a (im)possibilidade do futuro e da política no Brasil e no mundo contemporâneo. **Revista Maracanan**, n. 18, pp. 66-82, 2018.

RANGEL, Marcelo de Mello; SANTOS, Fábio Muruci dos. Algumas palavras sobre o giro ético-político e história intelectual. **Revista Ágora**, Vitória, n. 21, pp. 7-14, 2015.

RICOEUR, Paul. **Du texte a la action**. Essais D'Herméneutique II. Paris: Éditions Du Seuil, 1986.

_____. **Temps et récit**. III. Le Temps raconté. Paris, Seuil, 1985.

RODRIGUES, Henrique Estrada. Pensar a história e seu risco de sangue: o momento drummondiano. **História da Historiografia**, v. 05, p. 189-203, 2010.

RODRIGUES, Thamara de Oliveira. Theory of history and history of historiography: Openings for unconventional histories. **História da Historiografia**, v. 12, p. 96-123, 2019.

RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de metahistória. **História da Historiografia**. Ouro Preto, n° 02, p. 163-209, março, 2009.

_____. **Jörn Rüsen e o ensino de história**. SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Orgs.). Curitiba: Ed. UFPR, 2011.

_____. **Razão Histórica**. Teoria da História: Os fundamentos da ciência histórica. Brasília: UNB, 2001.

SANTOS, Evandro. **Ensaio sobre a constituição de uma ética historiográfica no Brasil oitocentista**: Francisco Adolfo de Varnhagen, o historiador no tempo. Porto Alegre: IFCH/UFRGS, 2014, tese de doutoramento.

SCHITTINO, Renata Torres. **Hannah Arendt a política e a história**. 1. ed. Curitiba: Prismas, 2015.

SCHOLTZ, Gunter. O problema do historicismo e as ciências do espírito no século XX. **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 6, p. 42-63, março, 2011.

RANGEL, Marcelo de Mello. A urgência do ético: o giro ético-político na teoria da história e na história da historiografia.

SILVA, Daniel Pinha. O lugar do tempo presente na aula de história: limites e possibilidades. **Tempo e Argumento**, v. 9, p. 99-129, 2017.

SILVEIRA, Pedro Telles da. História, ação e ética – comentário a respeito de Herman Paul. **Revista História e Cultura**, Franca, v. 6, n. 3, p.104-127, dez-mar, 2017.

SOUSA, Francisco Gouvea de. Por que não sou um sábio? Um comentário sobre a resposta de Hans-Georg Gadamer ao elogio de Reinhart Koselleck. **Revista de Teoria da História**, v. 18, p. 246-266, 2017.

TOZZI, Verónica. **La historia según La nueva filosofía de La historia**. Buenos Aires: Prometeo, 2009.

TURIN, Rodrigo. Entre o passado disciplinar e os passados práticos: figurações do historiador na crise das humanidades. **Tempo** (Niterói), v. 24, p. 168-205, 2018.

_____. Uma nobre, difícil e útil empresa: o ethos do historiador oitocentista, In.: **História da Historiografia**, Ouro Preto, nº 2, março de 2009, pp. 12-28.

WHITE, Hayden. El pasado práctico. In.: TOZZI, Verónica; LAVAGNINO, Nicolás. (Orgs.). **Hayden White, la escritura del pasado y el futuro de la historiografía**. Sáenz Peña: Universidad Nacional de Tres de Febrero, 2012.

_____. Enredo e verdade na escrita da história. In.: MALERBA, Jurandir (org.). **A história escrita: teoria e história da historiografia**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. Historical Emplotment and the Problem of Truth in Historical Representation In.: FRIEDLANDER, Saul (org.). **Probing the Limits of Representation**. Cambridge: Harvard University Press, 1992.

_____. The public relevance of historical studies: a reply to A. Dirk Moses. In: **History & Theory**, vol. 44, n. 4.p. 333-338. October, 2005.

_____. **The Practical Past**. Evanston: Northwestern University Press, 2014.

_____. **Tropics of discourse**. Essays in cultural criticism. Johns Hopkins University Press, 1985.

VOIGT, André Fabiano. Há um ‘giro ético-político’ na história? In.: RANGEL, Marcelo de Mello et alii. **Teoria e Historiografia: Debates contemporâneos**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015, pp. 79-93.

Recebido em 2019-11-18

Aprovado em 2019-12-19

Publicado em 2019-12-31

